

A PAIXÃO NA VIRTUALIDADE DO TEMPO

Orávio de Campos Soares ¹

(...) A realidade virtual não é o resultado de um registro passado, não está inscrita em qualquer suporte, não é presentificação de uma ação passado, não é uma presença em tempo distinto. A realidade virtual é a presença do objeto em tempo real tendo como único suporte a memória visual (...). (Kátia Maciel, “**A Última Imagem**”).

(...) O campo científico, tecnológico, social e econômico não é apenas domínio da razão, mas também espaços de produção e de agenciamentos múltiplos, capazes de liberar as forças da imaginação e da vida. As novas tecnologias da imagem não são representantes de uma racionalidade tecnocientífica que levaria necessariamente ao esquecimento do ser (...). (André Parente, “**O Virtual e o Hipertexto**”).

Mestre em Comunicação e Cultura Universidade Federal do Rio de Janeiro UFRJ

Endereço para correspondência oravio@bol.com.br

Recebido em 26/07/2018 Aceito em 222/08/2018

O autor declara não haver conflito de interesse.

1 REAL E VIRTUAL

Não soube definir quanto tempo, como se fosse possível medi-lo (1), estive ali, com a vida debruçada na janela do apartamento, olhando a paisagem modelada no lusco-fusco da noite, entre luzes faiscando na distância e ouvindo o barulho infindável rompendo avenidas, ruas e alamedas e penetrando no onirismo dos que dormem e ampliando a sensação de tristeza dos que enfrentam a solidão de olhos bem abertos.

Sabia apenas que havia um grito imenso dentro de si enquanto pessoa, e um desejo mensurável de soltar-se no vazio para revelar-se em nada diante do absurdo das multiplicidades contidas em vãs filosofias (2). Depois veio-lhe à memória, à luz da atualidade do pensamento lógico, que o seu momento é o resultado de um conjunto de imagens virtuais acessíveis, mas reclamando por possibilidades.

Do alto, a lua cheia derramava claridade sobre a terra, mas não tão mágica como as artificiais espargindo sombras coloridas numa cidade à noite dominada por neons. No ar, gemidos de sirenes lembram sofrimentos dos outros, sem que isso teça sugestões de solidariedade. São almas destroçadas pela violência do asfalto, vítimas de algum crime passional ocorrido em becos mal iluminados, o desamor curtido em tiros de revólveres ou mesmo um quase suicida moribundo levado às pressas para o hospital.

Nos edifícios, a publicidade brota das paredes e é vista na distância e se percebe, ainda, um zumbido natural oriundo do silêncio quando, por instante, reina a calma nos espaços desconexos lá de baixo, por onde circulam prostitutas vendendo o corpo por trocados, gays travestidos em suas fantasias plumadas, menores madornando nas marquises e ladrões agindo de soslaio nas esquinas.

Dentro de si não dava para pensar na dissolução da paixão que se fazia, ainda, tão presente, tão atual, generosa, ingenuamente oferecendo-lhe sorrisos de perpetuidade. O outro do eu se foi, sem mais nem menos, dando um *tchau* acenado na pontas dos dedos, testa franzida pelas contrariedades e um bater violento na porta, dando a nítida impressão de nunca mais. O sentimento, muito mais forte da perda, reflete a própria cisão do tempo (3) e o transforma numa coisa amorfa, vazia, desproporcional...

Pior que foi tudo, assim, inopinadamente, sem aviso. Parecia que os beijos molhados, os contatos mais amenos e sentido na força dos abraços, na querência da eternidade, representavam o devir do sofrimento. Aquela ideia da árvore ser a possibilidade da semente (4). Não dá para decodificar coisa alguma além dos sentimentos fragmentados. Nem na reposição dos sonhos e fantasias, desejos, medos e mitos que revelam a simbologia de seu ser sensorial.

O pensamento, como marca de sua cultura, rasteja nas aléias da autodestruição. Olha em torno e vê a grandiosidade das imagens interpondo a outras imagens e sons. Parece um inventário situado entre o real e o imaginário dos mitos, dos ritos do psiquismo contrariado. Um afago carinhoso do Pathos. *“Tudo parece, de repente, um acumulado de ordenações semióticas de fatos e narrativas, o múltiplo no uno, quer dizer: a variedade de pensamentos atuando em seu ser plano de virtualidades figurativas, holográficas - matizes artísticos da criatividade humana”*(5).

2 ATUALIZAÇÃO DA DOR

Revolveu cortar com o mundo exterior. Deixou a janela aberta e desceu parte das cortinas. Em seguida sentou-se diante da TV e passou os olhos no ambiente: a velha e desusada radiola, na qual, há tempo, Piazzolla tantas vezes musicou momentos de ternura, os quadros na parede a cada dia sugerindo releituras, o tapete damasco onde seus corpos acostumaram rolar em cenas de ansiedades e sensações, sempre incontidas, e o cuco que, ainda, insistia em marcar horas passadas.

A “La Pietà” sobre o piano refletia algo mais do que tristeza e no espelho fazia dupla com o pequeno busto de Mozart, carrancudo como sempre. Entre os dois, um jarro branco destaca as flores lilases e amarelas. Da porta entreaberta do quarto dá para ver o abajur com a luz despejando esperanças perdidas sobre a cama e expondo lençóis em desalinho. No chão, travesseiros caídos ao acaso, roupas íntimas espalhadas, além de um cheiro forte de incenso de almíscar misturado com perfumes e licores.

Além dos alvares do pensamento positivo, o eu-ideal estava ali, sem dúvida, com força, potencialmente belo e expressivo. Já não era presença real e sim efeitos do imaginário, com todos os aparatos de sua representação a se retroalimentar de utopias, lugar preponderante da virtualidade, de onde se pretende remeter-se às maravilhas do atual, ponto de sustentação de outras virtualidades (6).

Quis ligar para alguém, mas logo desistiu por saber que não há solidariedade para com o sofrimento do outro e que as diferentes formas da dor não são condições dos seres humanos, mas produtos da própria sociedade. A piedade humana, dessa forma, só existe porque não se pode desviar o olhar. Não. É melhor curtir a dor e gemê-la bem baixinho para não ter outro juízo de que *“em todo ato de prazer existe o pleno risco”*.

O conhecimento ocorreu numa noite em que abriu as bambinelas de sua afetividade. Encontrava-se no caminho da solidão voluntária, sofrendo os dissabores da última *ciber* decepção, só que, ao contrário de agora, teve que tomar a iniciativa de desfazer o nó, tão complexo como os da rede internetiana funcionando no infinito informacional, muito mais como interface da singularidade. Naquela época, entoava o discurso de que a única forma de liberdade nasce no pensamento, e hoje,

está mais para acreditar, pela experiência, que a liberdade, também, é um bem simbólico da virtualidade.

Frequentou os bares da vida, acompanhou e cantou, fazendo o ritmo na mesa as maiores produções *dor de cotovelo*, coisa entranhada na paixão burguesa e absorvida pela indústria cultural com o objetivo de dar o seu toque de Midas. Tomou *muitas* em função da decodificação de letras singelas do cancionero popular. Foi ali, no ambiente enfumaçado pela nicotina e pelos eflúvios alcóolicos, que se emparceirou. Parecia, no primeiro momento, um vulcão explodindo de tanta ansiedade.

Depois, o juntar das coisas mais comuns. As escovas de dentes, o mesmo apartamento de cortinas azuis e apliques na parede, os banhos de chuveiro curtidos a dois, o sabonete desgastando junto ao ralo, onde a água cansava de cair a esmo depois de perpassar-lhes os corpos enlouquecidos. Chegava a recitar um verso comum, desses plasmados na noite, como o célebre “(...) *bar, refúgio barato dos fracassados do amor*”.

Agora, estava ali, só, outra vez, pensando no que não deu certo e com vergonha de assumir a própria dor. Chegou a recitar os versos do poeta Antônio Maria, o cronista do Rio de Janeiro: “*A gente briga, diz tanta coisa que não quer dizer, briga pensando que não vai sofrer, que não faz mal se tudo terminar (...)*”. Uma brisa que não vai sofrer. Chegou, por instantes, a culpar o orgulho próprio por assinalar mais esse fim de um doloroso caso.

3 O VIRTUAL E A PAIXÃO

Pegou o controle remoto e ligou na Globo. O “Fantástico” mostrava uma reportagem sobre a reprodução humana, pelo ponto de vista do avanço da ciência e da tecnologia, colocando à disposição, em Brasília e São Paulo, estes avanços tecnocientíficos, agora acessíveis à comunidade como um todo (?) substituindo-se as formas tradicionais por germinação nos laboratórios, atendendo às necessidades reprodutivas dos seres humanos.

Uma agulha, imensamente mais fina do que um fio de cabelo, colhe um espermatozóide mais ativo e o introduz no óvulo feminino, fecundando-o, e isso, naturalmente, revela um novo tempo em que os laços das afetividades começam a ser substituídos por outros processos do relacionamento humano, tornando, de certa forma, a se considerar o olhar de hoje, altamente perigosas as facetas da engenharia genética, principalmente pelo ponto de vista da ética (7).

Achou interessante tudo aquilo e se sentiu a mais jurássicas de todas as criaturas do mundo. Numa sociedade em mutação em que a pós-modernidade, iniciada com o advento da televisão,

assume uma posição de destaque no neocapitalismo, “*as máquinas se aperfeiçoam até o estágio da inteligência artificial e a vertigem da rapidez invade quase todos os processos e campos da vivência (8)*”, inclusive a falência do amor e a degenerescência da paixão.

Lembrou-se de 1984, de Orwell, referindo-se à narrativa de que o amor (e mesmo as relações sexuais) foram proibidas e a reprodução humana passou a ser feita em laboratórios. Aliás, a temática é mais antiga e remete a uma leitura dos programas genéticos de Hitler voltados para a preservação do arianismo. Também em “Matrix”, os modelos de reprodução não passam, necessariamente, pelos métodos tradicionais, mesmo porque a ação dramática se dá no mundo da virtualidade, “*porque fora dele não há mundo*” (9).

Com a TV ligada, ficou a pensar na conciliação das coisas simples com a complexidade dos hipertextos – uma ideia anunciada, pela primeira vez, em 1945, por Vanchevar Bush (Pierre Levy, p.28) – significando a identificação de uma escrita/leitura não linear em um sistema de informação (10). “*Meu Deus, como as pessoas complicam as coisas. Como fazer sentido num mundo em que o real não se sustenta mais como referência e a rede é um sistema mágico da cognição?*”.

Se ninguém comunicava a própria dor, a não ser nos portais das redes sociais, onde não se pode confirmar nenhum tipo de informação e a aproximação das pessoas as tornam mais distantes, deve ser o *ser* mais isolado deste mundo. Parece que o sofrimento ficou relegado ao espaço das canções reproduzidas pela mídia, em que as pessoas só podem cantar e procurar linhas ligeiras de identificação.

Tentou relaxar na poltrona, deletar da mente as atrocidades vivenciais que lhe deixaram naquele estádio de lânguida agonia. Enquanto tentava, em vão, conciliar o sono, pensou: Será que o simbolismo da máquina poderá simular sentimentos mais humanos? Ou os homens estão maquinizando o simulacro, tratando dar sentido a suas falsas paixões mais comezinhas?

4 DESPERTAR DA UTOPIA

Envolvido pelos mistérios do onirismo, no campo farto da virtualidade, pôde reencontrar o bem que sempre quis e com ele, o bem, atravessou as telas de todas as possibilidades. Não se sabe se pela ansiedade de tecer novas emoções, teve o prazer de sentir o amor e a vida com toda intensidade. Foi muito mais que real o registro de ser íntegro na grandiosidade da consignação do prazer, como expressão mágica do desejo. Depois amanheceu...

As imagens virtuais são aquelas que preexistem ao real e geram realidade.
Essas imagens anulam as distâncias e tocam o tempo, criando o tempo real.

Elas anunciam que atingiram enfim a ambição de toda e qualquer imagem: representar de forma mais perfeita e verdadeira o real, e a destroem assim toda a ideia da representação porque não mais representam. Elas são (11).

Quando abriu os olhos, estava tudo em seus devidos lugares e o sol esquentava-lhe as pernas estiradas sobre o espaldar da poltrona, já que entrara pela janela com a cortina mal cerrada sem nenhum pedido de licença. O corpo parecia ter levado uma surra, pois doía em todas as partes e a cabeça não conseguia estabelecer, ao menos, um pensamento lógico. A TV exibia Ana Maria Braga e seu Louro José, na preparação de uma receita culinária. Preferiu desligar...

De repente, descobriu, por pura dedução, que a atualidade mostrava uma segunda-feira com cheiro de ressaca e que, mais uma vez, não tinha ido trabalhar e, por certo, sua ausência estava sendo marcada pela chefe, lidimo representante da “*sociedade do controle*” (12), de modo que era melhor pensar nas justificativas, preferencialmente diferentes dos tempos dos esquemas disciplinares.

Desnudou-se com dificuldades e caminhou, quase tropegamente, ao banheiro e ali, naquele ambiente de boas e ricas recordações, remeteu-se a dias (ou noite) prazerosos. Depois, pôde tomar aquela ducha, agora sem nenhuma disputa de sabonetes e mesmo sem receios de escorregar nas espumas. A água fria recobrou-lhe a memória entorpecida e, agora, refeito de tantas fantasias, chega à dura realidade de estar irremediavelmente só.

Não iria trabalhar, com ou sem coleira. Afinal, “*a sociedade não é apenas um sistema mecânico de relações político-econômicas ou sociais, mas um conjunto de relações interativas feitas de afetos, de emoções, de sensações que constituem o corpo social*” (13). Recorreu à geladeira e comeu qualquer coisa, bebeu água e voltou à poltrona, espécie de divã onde exerceu o trabalho da autopsicanálise.

No início da noite, após outro banho, aprontou-se e resolveu sair à rua, uma forma também de fugir, um pouco, do clima ruim de sofrimento. Olhou o rosto no espelho e achou horrível aquele par de olheiras. Queria, no fundo, encontrar um sentido para as coisas, e para que isso pudesse acontecer, seria necessário produzir este sentido, sem crise projetada pela internet, e buscar identidades com as outras pessoas.

Andou pela cidade, entre o trânsito difícil ao findar o expediente, esperou semáforos se abrirem na dimensão do verde, observou a economia ruminando na informalidade e instalada nas esquinas. Deu para observar as pessoas apressadas em busca de condução para seus lares, trombadinhas fazendo a festa nos terminais urbanos, mendigos com as mãos estendidas à caridade pública...

Lá para as tantas, aproximou-se de um bar e penetrou com a sensação de estar num paraíso – *apesar do ambiente enfumaçado pela nicotina e pelos eflúvios alcóolicos*. Pediu uma bebida e, do outro lado do balcão, um novo olhar logo se mostrou disponível, parecendo “*um vulcão explodindo*

de tanta ansiedade”. No praticável da orquestra, um cara tocava um violão e cantava, sentido, a melodia: “*Você foi o maior dos meus casos, de todos os abraços que nunca esqueci. Você foi dos amores que eu tive, o mais complicado, e o mais simples para mim...*”

Resolveu, por intuição, começar tudo outra vez.

REFERÊNCIAS

- 1) Anotações de aulas do Professor Paulo Vaz. “*(...a incerteza faz com que não possamos contar o tempo e, a partir daí, não dá para se calcular o futuro (...))*”.
- 2) Em Deleuze há a idéia de que “*cada partícula virtual se rodeia de seu cosmo virtual, e cada uma, por sua vez, faz o mesmo, indefinidamente (...)*”.
- 3) Deleuze diz, também, que o presente é dado variável medido por um tempo contínuo, isto é, por um suposto movimento numa única direção. E que o presente passa à medida que esse tempo se esgota.
- 4) Mitos e Imagem nas Representações Contemporâneas. **Revista Logos**, Rio de Janeiro, UERJ, Ano. 3, n. 4, 1º semestre de 1996, p. 2-3.
- 5) Segundo Pierre Lévy, “*Em termos rigorosamente filosóficos, o virtual não se opõe ao real, mas ao atual: virtualidade e atualidade são apenas duas maneiras de ser diferentes*”.
- 6) Em “**O que é o Virtual?** O autor revela: “*(...) dessa meditação sobre a saída da presença que a virtualização não se contenta em acelerar processos já conhecidos, nem em colocar entre parênteses, e até mesmo aniquilar, o tempo ou o espaço, como pretende Paul Virilio. Ela inventa, no gasto e no risco, velocidade qualitativamente novas, espaços-tempos mutantes*”.
- 7) PELLANDA, Nize Maria Campos; PELLANDA, Eduardo Campos. **Ciberspaço: Um Hipertexto com Pierre Lèvy**. Porto Alegre: Ed. Artes e Ofícios, 2000.
- 8) TRIVINHO, Eugenio. Estética e Cultura, Comunicação e Pós-Modernidade. **Revista Textos**, n. 36, dez. de 1996.
- 9) Sobre o assunto, Kátia Maciel, em “**Matrix, o fim do Panóptico**”, assegura que “*O mundo é pura interface, funciona como um jogo, um videogame, informações e operações, lógica de códigos (...)*”.
- 10) VIGNERON, Jacques. **Hipertexto, Comunicação e Construção do Saber**. São Paulo: UESP, 2000.
- 11) Kátia Maciel assinala, ainda, que “*A imagem elimina o referente e se substitui ao real, ainda que a lógica causal do real e de sua reprodução (...)*”.

- 12) Deleuze, em “**Conversações**”, ensina que “*não há necessidade de ficção científica para se conceber um mecanismo de controle que dê, a cada instante, a posição de um elemento em espaço aberto, animal numa reserva, homens numa empresa (coleira eletrônica)*”).
- 13) Mafersolli, Michel, citação no livro “A Encenação dos Sentidos”, no artigo “**A Comunicação e a Sociedade em Espaços Urbanos**”, de Vanessa Paiva.